

# Universidade ❧ ❧ ❧

# ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Livre

Telefone n.º 4322

*Instruir é construir.*

V. HUGO

*A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.*

G. HAUBERT

## BOLETIM MENSAL

### SUMARIO:

PORTUGAL! por Julio Dantas. . . . .	pag. 120
EGAS MONIZ, Castilho . . . »	122
HISTORIA PATRIA por Teofilo Braga. . . . . »	128
IDEM por Agostinho Fortes. . . . . »	130
HORARIO GERAL DOS CURSOS — MATRICULAS. . . . »	132
Balancête do mês de Novembro de 1916 . . . . . »	133
Balancête do mês de Dezembro de 1916 . . . . . »	134

ANO III ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ N.ºs 35 e 36

Novembro e Dezembro de 1916 ❧

LISBOA.

PROPRIETARIO: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧  
❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧  
❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Alexandre Ferreira.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ———  
——— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Agosto 2 177

## Portugal!

Foi no dia 30 de maio de 1808 que os primeiros soldados da «Legião Portugueza» pisaram a terra de França. Napoleão, em cujas mãos Carlos IV acabava de depôr, como uma joia, a corôa real das Hespanhas, esperava os portuguezes em Bayonna com toda a côrte imperial. A primeira tropa a chegar foi o bravo regimento de infantaria 1, que um ano depois se cobriu de gloria em Wagram, e que na tarde heroica de Smolensko, com as bayonetas negras de sangue e de polvora, havia de espantar a bravura de Ney. Comandava-o o elegante Antonio Saldanha, da casa da Ega; conduziam-no os chefes de batalhão Caldeira e Candido José Xavier. Nem um soldado desertára em Valladolid e em Burgos; o regimento, intacto, marchava na sua maxima força. — «Vamos vêr as francesas, rapazes!» — tinha-lhes gritado o coronel, sobre a ponte de barcas do Bidassôa, o punho de prata do espadim a faiscar-lhe na mão. E êles lá foram, negros, risonhos, contentes tisonados do sol, ferrolhando armas, chocalhando patronas, enquanto na chuva d'oiro da manhã a ilha verde dos Faições resplandecia, e os sinos alegres de Fuenterrabia, ao longe, tilintavam, para a missa. Onde iam elles? Porque marchavam? Que destino os esperava na terra de França? Sabiam-no lá! Mas fitassem-nos, encarassem-nos um a um, — e em todas aquelas faces queimadas, em todos aqueles olhos ardentes, fulgiria, como uma labareda, o vago instincto de que caminhavam para a gloria. Iam vêr Napoleão. Iam conhecer o titan. Depois duma marcha de tres leguas feita a cantar, com as espingardas cheias de flôres, o bravo regimento de Antonio de Saldanha chegou a S. João da Luz. Na manhã seguinte, um ajudante d'ordens de Pamplona, a galope, mandou-o avançar. Nessa mesma tarde, envoltas numa nuvem de poeira, as bayonetas lampejando, as chapas de cobre das barretinas faiscando ao sol, os tambores roucos de bater a marcha, — as tropas portuguezas de infantaria 1, chegadas emfim a Bayonna, passavam em continencia deante de Napoleão. O imperador, que descera do palacio de Marrac para os ver, sorria-

lhes imóvel, embrulhado no seu capote cinzento de «petit-caporal», entre uma onda de marechaes emplumados e cobertos d'ouro, — Ney, Mutat, Davoust, Bessiéres, Alorna, Pamplona. A' vista desses dois batalhões pardos de saragoça, cerrados, energicos, pequenos, batendo as abas das nizas como carochas, um frémito de comoção passou na alma do povo, e duas mil, tres mil bocas francesas gritaram, uivaram, aclamaram:—«Portugal! Portugal!» Os garotos marchavam-lhes á frente; das janelas atiram-lhes flôres; no seu coche a imperatriz Josephina acenava-lhes com o leque, — e os galuchos portuguezes, com as lagrimas nos olhos, cheios ao mesmo tempo do orgulho e da magua de serem tão poucos, repetiam, doidos de entusiasmos, levantando as barretinas na ponta das bayonetas:— «Portugal! Portugal!» Não seriam mais de quinhentos soldados,— e tinham alvoroçado Bayonna. Dahi a pouco, Napoleão passava-lhes revista em forma; compunha-lhes pela sua mão as bandoleiras brancas das patronas e as alabardas lampejantes dos sargentos; convidava os officiaes a jantarem á sua mesa,— e á noite, uma noite quente e perfumada de junho, os jardins do palacio que dias antes vira abdicar Carlos IV de Hespanha, foram abertos em festa aos soldados portuguezes. Nas varandas iluminadas, a côrte imperial assomou. Encheram-se de gente as largas alamedas de faunos e de murta. E enquanto, ao luar, os galuchos da Extremadura e da Beira, negros, risonhos, abraçados a violas enormes, cantavam as chulas, os lunduns e as modinhas da sua terra, Josephina Beauharnais, com os olhos brilhantes de lagrimas, a face apoiada á mão cheia de joias, dizia encantada a Antonio de Saldanha:— «Oh, que j'aime ces gavottes portugaises!» — e em baixo todo o povo, rodeando os soldados, interrogando-os, aplaudindo-os, abraçando-os, pegando-lhes ao colo, rindo e chorando com eles, gritava, ululava em delirio, no seu sotaque vasconço, como um presagio de gloria:— «Portugal! Portugal!» Tinham cantado bem em Bayonna; haviam de morrer melhor em Wagram!

Pois bem. Sobre o dia 30 de maio de 1808, um seculo passou. Sobre esse seculo, mais oito anos lentos, tragicos, dolorosos. De novo os nossos soldados entram, sorrindo, em Paris; de novo as rosas de França vão florir em espingardas portuguezas; de novo o mesmo clarão de epopeia envolve o nosso nome,— e hoje, cento e oito anos depois, é ainda o mesmo grito heroico que se ouve ao longe, como se o erguessem milhares de espectros:

Portugal! Portugal!

JULIO DANTAS.

## Egas Moniz

### XV

Não esqueciam ao vencido os primeiros motivos, mais agravados agora; e acrescia-lhe para o odio a vergonha da derrota.

Sabe que D. Afonso Henriques tem sua côrte em Guimarães, vila ainda mal fortificada, e presume-o descuidado e adormecido sobre os loiros. Levanta caladamente exercito crescido, e outra vez por Galisa vôa, sem dar á fama tempo de o preceder, e apresenta-se de improviso a cercar a cabeça de Portugal, que já cuida ter entre as mãos.

Agro lance era este para os nossos, em que o valor nada podia contra o valor, a vingança, e o numero. Feito era, talvez para sempre, dos alterosos fados nascentes d'esta Monarquia, se dos Ceos lhe não assistira uma Providencia, e na terra um D. Egas. D. Egas, a salva, não já acudindo a seu senhor com a victoria, como na jorda de S. Mamede, segundo é fama, porém com a magia de sua palavra, fazendo retroceder a victoria que os ia engulir, creando uma virtude nova, a da mentira, e uma nova gloria, a da traição.

Durava o cerco. Deviam ir mingando os animos aos poucos de dentro, quando nem ao velho se antolhava possivel a resistencia.

Só, e a ocultas do Principe, sai-se da vila ao campo dos contrarios, e requer d'el-Rei uma audiencia secreta. Entrado á sua presença, com o rosto grave mas desassombrado, e com um tom seguro de palavras, mais de quem aconselha, que de quem requer.

— «Senhor,— lhe disse — relevar-se-ha á minha idade o vir no meio das armas ser orador da paz. Se mo alguém quizesse attribuir a vileza de animo, todos os feitos de minha vida, até hoje, ahí estavam para o desmentir. Como Cavaleiro me houve

sempre, e como tal me achareis ainda agora com o meu Príncipe no mais aceso do conflito, se uns com outros (o que a Deus não praza) houvermos de ter batalha. Mas o Cavaleiro pode e deve ser christão, politico, e amigo; e tal venho, senhor, á vossa presença.

«¿Que novidades e guerras são estas, e para quê? Dois Príncipes visinhos como vós, filhos de duas irmãs e de dois primos, quasi irmãos como vós sois, ¿quereis dar a vossos subditos, ou á custa do seu sangue, uma lição e exemplo de odio fratricida? Dois mancebos, a quem, por suas virtudes e exforço, todo o mundo houvera de respeitar, ¿serão os proprios que um a outro se desacatem?

«Mas embora cerreis os corações aos clamores da Natureza, e os ouvidos aos brados da fama; lembrae-vos de vossa obrigação de catholicos. No Ocidente e no Oriente toda a Cristandade está em pé diante do Mahometismo; numa e noutra parte, mas cá muito mais do que lá, rebentaram já, e de dia para dia se amiudam mais, as pelejas, para as quaes de todas nossas diligencias e braços se carece. ¿Quando os cabeças e Reis barbaros se unem e condensam, desunir-nos-hemos nós? ¿O ferro que cingimos diante dos altares para defensão da Fé, mergulha-lo-hemos no peito de soldados da Fé, ajudando por nossas mãos os votos dos Infieis? ¿e continuaremos, para que eles folguem, o ferino espectáculo de ambições sanguinolentas, que desde a morte do vosso comum avô, o senhor D. Afonso VI, teem enlutado as Hespanhas? ¿Com estes exemplos de virtude e caridade, quereis converter e reduzir os Moiros, quando com vossa espedaçada milicia já não valerdes a sujeita-los?

«De mais, senhor, ainda que nenhuma destas razões houvera, e mesquinhos pundonores valessem o sangue dos homens, ¿como se absolveria no tribunal de sua consciencia o agressor, se a fortuna lhe viesse a falsear a victoria? No numero dos vossos soldados vos fiaes, e melhor ainda em vós; desprezais nossos muros e reparos nascentes, e os poucos homens de armas que lá dentro imaginais; mas, senhor, os campos de S. Mamede e de Valdevez já provaram que sabemos batalhar sem escudo de muralhas; e nem nosso Príncipe, nem seus barões, nem nenhum dos que o seguem, aprenderam a contar lanças. A fortuna, que já uma vez vos desamparou, poderia bem conservar agora o seu costume, que é favorecer em cada terra os filhos dela.»

Mais ia por diante aquele magnanimo embaixador de si mesmo, quando assomadamente o atalhou el-Rei dizendo-lhe: que, se da parte de seu senhor vinha a lhe tributar a devida

vassalagem, como a herdeiro do grande Afonso, e verdadeiro soberano de Portugal; se lhe dava certo que iria ele, como os outros Condes, subdito seu ás Côrtes de Leão, logo se partiria para suas terras; quando não nenhuma das rasões que tão bem lhe doirava os salvariam.

—«Senhor,— acudiu submissamente D. Egas, depois de estar algum espaço cuidando entre si — nem me cabe a mim disputar com tamanho Rei acerca do direito, nem para isso me daria licença a minha ignorancia de soldado. Tão pouco permitirei á minha lingua revelar-vos as vontades e rasões, que todos nossos povos manifestam para haverem independencia. Pois que é essa a condição que pondeis para se poupar o sangue cristão, D. Afonso de Portugal vos pagará tributo, e comparecerá nas vossas Côrtes de Leão.»

## XVI

Prestes estava D. Afonso Henriques com toda a sua pouca gente, quando de repente sôa que os inimigos levantavam o cerco.

De toda a parte se ouve o confuso alvoroço de um exercito que se abala; relincham os cavalos, sofregos da partida; nuvens de soldadesca se agitam vozeando; desarmam-se e enrolam-se tendas, tremulam os brados dos clarins, rangem os carros de bagagem, trovejam os tambores, os pendões se alçam e demovem esvoaçados; e, como ondas do mar que descem clamorosas, e deixam livre e descoberta ao sol a praia, Afonso Henriques observa com pasmo, desfazer-se-lhe de redor este bando ameaçador de inimigos, contra quem ainda não levantára braço.

Então D. Egas, arremeçando-se-lhe aos pés, lhe explica todo o inigma. Afonso indignado pela primeira vez o repele, arranca a espada, quer ir chamar novamente a tempestade que se afasta; quer vencer ou morrer, mas, pelejando, mas livre, mas senhor de terra independente e gloriosa. A ideia de vassalagem, que ele não ousa converter em palavra, lhe reverbéra como sangue pelas faces, pelos olhos como fogo; e cravando-os no velho, parece perguntar áquelas cans; como chegaram a regelar ali dentro tantos brios e virtude;

Egas rebentando em lagrimas, e ajuntando as mãos para o Ceo:

—«Bemdito seja o Omnipotente, — exclama — que deu aos Portuguezes um Principe digno de os reger!

E logo abraçando-o com orgulho,

—«;Segui, —lhe disse — segui a estrela que vos guia a grandes coisas! Eu vos agradeço em nome dos vindouros o desmentirdes com o feito a promessa a que a salvação da minha Patria me obrigava. Poucos eramos aqui; sem gloria e utilidade iamos perecer; iamos legar captivo a nossos filhos, se eu refugisse fazer á Patria o maior sacrificio que homem pode, que não é o do corpo e da vida, senão o da alma, o da fama, o da amizade do seu Principe. Não consintais que tão amargo serviço se malogre; aproveitae-vos dele, se não para vós, para os vossos subditos. E pois que tendes de não ir ás Côrtes de Leão, e de recusar o tributo de feudatario, empregae a presente paz, que Deus vos concede como tréguas, e apercebâmo-nos para nova guerra. No de mais, serenae o animo: a vossa honra ficará ileza. E quanto á sanha d'el-Rei de Leão, ainda por ventura terei eu em minha casa escudo que a embêba toda.»

Aqui uma nuvem de tristeza resignada passou por diante do contentamento do fiel Aio. O Principe não ousou es-  
crutal-a.

## XVII

Chegava o tempo de se haver de cumprir a palavra do Português, quando por Toledo entravam, com os horrorosos trajos de reos sentenciados, e grossos baraços ao pescoço, D. Egas, sua mulher, e todos seus numerosos filhos. Acode e apinha-se o povo, maravilhado de espectaculo tão extranho; quem sejam, donde ham, e para que, se perguntam entre si. Tudo neles está respondendo que são desgraçados.

Caminham para os paços d'el-Rei. As mães, vendo aqueles meninos, apertam os seus aos peitos chorando. O semblante grave mas quebrantado do ancião, as lagrimas no rosto da esposa, formosissima de innocencia, enfeitiçam todas as vontades. ;Oh! que se maniatados os vissem, e levados entre guardas, nenhum dos espectadores se houvera contido, que não arremettesse a salvar-os e defendel-os. Mas alguma força sobre-humana parece levar-os. Não se enganam: essa fôrça, mais forte que as armas, essa fôrça, que triunfa do medo da morte, e do amor materno, é a honra de um Português antigo.

Sussuro de povo ás portas do palacio anuncia a el-Rei que vem lá novidade. «;Gente de Portugal! ;gente de Portugal!» rebôa pelas abobadas.

D. Afonso manda franquear as portas; e sentado no trono, rodeado de seus Grandes, aguarda majestosamente. Pés descalços ousam transpôr o limiar dos Reis. Perante o forte coroado veem oferecer-se as mais desamparadas fraquezas do mundo: um velho, uma mulher, uns meninos.

—«¿Que significa tudo isto, D. Egas, e que demandais?»

—«Senhor, Imperador de Leão e Castela, trago-vos o unico preito que de Portugal podeis haver; venho desempenhar minha palavra, e desafrontar-vos. Nem D. Afonso Henriques nem Portugal vos reconhecem por seu cabeça. Quebrantada está minha fé; a de um fidalgo portugûes vale mais que sua vida; eu vos entrego juntamente as vidas do que mais amo. De todos nós mandae fazer justiça, e ficarei quite.»

El-Rei furioso arranca da espada contra o inerme ancião, que para ele se arremeça com a mão sobre o coração, não como escudo, sim como alvo; ¡mui feliz, se com seu sangue resgatar tão caros penhores! Mas a espada, que instantaneamente lampejou, recaiu envergonhada na bainha. Bastou um grito de espanto dos cortesãos, para que a sanha se convertesse em outra tanta admiração. El-Rei perdôa, abraça, e premia.

## XVII

Sôam aclamações na fronteira; é a vistosa cavalgada, com que o Principe portugûes sai a receber o salvador da Patria.

¡Que momento para D. Egas! ¡recuperar simultaneamente com toda sua familia a terra do nascimento, que ainda ha pouco julgavam perdida, até para seus ossos! ¡o ar e os horizontes da menince! ¡o teatro de tantas suas façanhas! ¡a presença e aplauso de tantos cavaleiros amigos! ¡e os abraços de Afonso, que já não vê nele um pae, se não um Anjo, que a providencia lhe pôz ao lado para lha representar no mundo!...

Mas tomemos aqui o fôlego. Tempo é de levantar mão de um retrato, para o qual muito ainda nos quereriam oferecer as Historias, mas que, pela ultima feição que lhe lançámos, nos está já aí completo e perfeito.

De mais: não é proposito nosso, como já advertimos, escrever a Historia, mas só apontar seus mais altos e formosos cumes, quer para expertar em muitos o amor de seu estudo, quer para acordar brios portugueses a tres ou quatro, a quem ainda de todo não caísse defunto o coração.

Menos nos deteremos enramalhando, com o nome do nosso Cavaleiro, os feitos de armas e preeminencias de seus muitos filhos, as excelencias de suas mulheres,<sup>1</sup> das quaes uma creou Afonso, e outra, já viuva, os filhos de Afonso, e as piedosas fundações com que esta familia multiplicadamente perpetuou sua memoria.




---

<sup>1</sup> *A Nova Historia da Militar Ordem de Malta em Portugal*, fundando-se em muitos documentos de Salzedas, dá-nos Egas Moniz, cinco vezes casado: com D. Mór Paes, pela primeira vez; depois com D. Dordia em 1105; com D. Dorotêa em 1120; com Maria Onoriquiz em 1130; e desde 1134 com D. Tereza Afonso; mas não produz, nem ao menos cita, os ditos documentos, os quaes ainda mesmo existindo, como não duvidamos, seria necessario que se não referissem a outro, ou outros sujeitos daqueles tempos com o mesmo nome, como nos parece provavel, não só pela extranheza e pouca verosmelhança destes cinco casamentos em pouco mais de trinta anos, como porque, desde o Conde D. Pedro até agora, todas as nossas Historias não deram mais de duas mulheres a Egas Moniz: D. Mór Paes, ou Peres, e D. Tereza Afonso.

# HISTORIA PATRIA

## SERIE DE CONFERENCIAS

Esta colectividade convidou varios dos mais distintos professores da Universidade de Lisboa a realisarem conferencias sobre a Historia de Portugal, e é com a mais sincera satisfação que temos de constatar que todos gostosamente anuiram ao nosso desejo.

A 1.<sup>a</sup> lição subordinada ao titulo «A Hegemonia de Portugal na Hespanha», foi realisada em 26 de novembro pelo ilustre historiador Dr. Teofilo Braga. A's 21 horas, com a sala completamente cheia, o ilustre conferencista subiu ao estrado e desenvolveu duma maneira brilhante a sintese que em seguida publicaremos:

Ao regressar da ilha de Elba em 1815, Napoleão conversando com Fleury de Cheboulon, compreendeu que a Europa tinha de constituir um novo equilibrio politico, apoz a lucta decisiva que se organisava entre as Potencias e o seu Imperio militar. E nas consequencias dessa previsão, foi visionando o quadro desse novo equilibrio nas Potencias occidentaes. Formulou com nitidez:

*A Italia será unificada;*

*A Hespanha, privada das suas Colonias, tornar-se-ha portuguesa...*

A coligação da Santa Aliança triumphou do Militarismo napoleonico, e pelo congresso de Viena fez um equilibrio politico da Europa tão iniquo e irracional, que foi causa das grandes guerras do seculo XIX, e de que ainda é consequencia esta tremenda Conflagração da Europa provocada pela Prussia sob a responsabilidade da unidade da Alemanha. Não se realisou imediatamente a previsão napoleonica, mas repetindo-se sob aspecto mais violento a crise do principio do seculo XIX, resurgiu a previsão napoleo-

nica, valorizada pelos acontecimentos. De facto a Italia alcançou a sua *unidade nacional* em 1875, e efectivamente a Hespanha *perdeu as colonias*, com a revolução de Cuba e as Filipinas. Dados estes dois factos capitaes, importa entrevêr nos sucessos subsequentes, como a *Hespanha tornar-se-ha portuguesa*.

Pela sua parte os politicos castelhanistas, depois da pêrda de Cuba e das Filipinas olharam para Portugal, e com aquella intelligencia dos ambiciosos simplistas, exclamaram no seu desequilibrio: *Aun tenemos Portugal e Marruecos*. E' preciso ter um desconhecimento do que é Portugal, da sua acção profunda na marcha da humanidade, da vitalidade da sua raça, da sua resistencia contra a invasão da Peninsula, da sua cooperação com a Europa da Renascença, e contra o imperialismo da Casa d'Austria no seculo XVI e contra o Militarismo napoleonico no seculo XIX, para suppôr que Portugal *se toma com dois pontapés*.

O futuro e não longinquo equilibrio da Hespanha tem de ser a *Federação*; com ela acabará o parasitismo da Hespanha central, que só tem servido o egoismo particularista dos planaltos de Castela, á custa do retrocesso de toda a Hespanha, isolando-a dos contactos com a Europa. Feita a Federação sobre as tres nacionalidades hespanicas: Portugal, Castelas e Catalunha, trilogia formada pela natureza physica, pela condição de raça e pelos separatismos historicos, com certeza neste acôrdo das tres nacionalidades a sua harmonia intrinseca só poderá ser realisada pela *Hegemonia de Portugal*. O seu longo passado de uma cultura e civilização sempre progressiva e seu genio saciavel, afectivo e renovador, a sua situação geografica sobre o Oceano Atlantico, e portos de mar depois da abertura do isthmo de Panamá, tudo lhe garante um concurso simultanio dos estados peninsulares, e das potencias europeias, maritimas e continentaes. Portugal não é o detentor egoista do mais belo trato geologico do planeta; é um depositario intelligente e honrado, cuja missão politica tem de ser a absoluta e ineludivel *Neutralidade*. A Hegemonia é uma acção, que se não impõe, nem se decreta; exerce-se pela espontaneidade, porque as suas condições estão implicitas na harmonia superior que resulta da sua unidade geografica, unidade antropologica, unidade geografica, unidade politica, unidade literaria e artistica e unidade de historia. E' deste conhecimento que resultarão a sua disciplina para a acção individual e colectiva.

## 2.<sup>a</sup> CONFERENCIA

Em 3 de Dezembro e distinto professor da Faculdade de Letras Dr. Agostinho Fortes, incansavel amigo desta instituição realisou a 2.<sup>a</sup> conferencia subordinada ao tema Periodo de constituição definitiva da nacionalidade. A realza e os municipios.

Depois de se referir á oportunidade destas conferencias e louvar a iniciativa da patriotica instituição disse que:

Afirmando-se, desde o seculo XI, as tendencias separatistas do condado portucalense, no seculo XII atingiram o grau de intensidade bastante para se poderem transformar numa realidade cuja perdurabilidade, comtudo, seria difficil então determinar. Causas complexas eram as que haviam contribuido para essa tendencia, não sendo, porventura, das menos poderosas o espirito feudal por um lado, o espirito municipalista por outro. Por muito paradoxal que o caso pareça, os dois principios, antagonicos, irreductiveis nas suas aspirações, origens e objectivos, combinaram-se num rapido momento para a consecução da mesma obra. O caso é mais vulgar do que á primeira vista nos pode parecer e tem paralelos em todos os povos. O problema para a nacionalidade incipiente tinha dois aspectos: a completa independencia de Lião e a aquisição de maior area territorial que permitisse um tal ou qual desafogo material e, concomitantemente, a cultura de certos elementos eticos, esteticos e politicos, sem os quaes nenhuma nacionalidade se pode manter. Para uns e outros contribuíram de começo os nobres, ou, melhor, os resquícios iniludiveis do regimen e maneira de ser feudal e o povo, na sua acepção da época que, de nenhum modo devemos confundir com a actual, representado nos municipios e, porventura, melhor ainda *nus bebetrices* essas notaveis organizações republicanas da idade media. Entra depois na apreciação do factor nobreza na constituição da nacionalidade e faz considerações de ordem diversa para chegar á conclusão de que o feudalismo existiu em Portugal, se não em toda a sua pujança e esplendor, que já havia entrado na época de acentuada dissolução, ao menos como instituição que profundamente vincara a civilisação europeia e que aqui, precisamente na época do aparecimento da nacionalidade, grandemente se fariam sentir. A proposito lê algumas passagens e refere-se á poesia de *provençal*, um dos elementos mais preciosos para o estudo da época. Entra depois, e ainda como argumento para a prova da

existencia da *maneira de ser feudal*, na apreciação do procedimento de muitos nobres que, erradamente tem sido apodado de *traição*, quando, no fundo, não passa da consequencia fatal e logica da idiosincrasia especial duma classe sob cuja estrutura mental colectiva pesava a velha instituição feudal. O erro da nobreza e do clero esteve precisamente em não haverem reconhecido a tempo que as instituições feudais haviam passado o periodo organico de vitalidade, tendo já entrado na fase de dissolução que faz das instituições como que excrescencias e anquiloses que ou desaparecem de per si ou teem de ser amputadas violentamente por constituirem embaraço ao desenvolvimento natural dos organismos colectivos. Apreciando a acção das duas classes privilegiadas, nobreza e clero, e fazendo salientar o seu papel anti-nacional narra as diversas lutas sustentadas pela realza contra elas e determina as causas dessa luta, salientando o estudo do problema em outros povos europeus e a influencia poderosa do direito e *escurista* que a pouco e pouco mas com tenacidade invencivel ia ganhando terreno nas universidades e daí irradiando para a politica do tempo. Narra os casos mais caracteristicos da sua asserção com respeito ás duas classes privilegiadas; as revoltas e resistencias dos prelados de Braga e do Porto, as pressões da Santa Sé, os bandeamentos da nobreza até o seculo XIV, em que se dá a constituição definitiva da nacionalidade pela sua organização moral e cita o facto de ainda as classes privilegiadas, já *inames moralmente*, terem sido o unico obstaculo sério para essa constituição. Os nobres, poucos, só defenderam, no periodo agudo da crise nacional, a patria quando bem pagos e bem satisfeitos. Eram mercenarios como o Cid e, como, porventura, infelizmente, Nunalveres. A respeito deste apenas eventa uma hipose, baseando-se numa passagem do dr. Ricardo Jorge que lê. Ha momentos em que a verdade historica nos apavora e o que no seu espirito se passa a proposito de Nunalvares é precisamente um desses momentos em que a creança ingenua e santa chora fustigada pelo tufão iconoclasta da verdade.

Como o assunto é muito complexo o illustre conferente desenvolverá nas conferencias seguintes, o tema que se propoz tratar.



## Horario Geral para o ano lectivo de 1916-1917

PROFESSORES	DISCIPLINAS	Seg. <sup>a</sup>	Terç	Qua.	Quint	Sext.	Sab.
Alfredo Apell.....	Francês-1.º ano	21	—	—	—	—	—
» » .....	» -2.º »	—	—	—	21	—	—
Bernardo Villa Nova .....	Inglês -1.º »	—	—	—	20	—	—
Agostinho d'Alm. da e de Paiva	» -2.º »	—	—	22	—	—	—
Artur Lobo de Campos .....	Portugu. -1.º ano	—	—	19 <sup>1/2</sup>	—	—	—
» » » .....	» -2.º »	—	—	—	—	—	—
Oscar de Sousa .....	Aritmética .....	—	—	20 <sup>1/2</sup>	22	—	21
Antonio Maria Pires .....	Calculo comercial	20	—	—	—	—	—
João de Matos Rodrigues ...	Contabili.-1.º ano	—	—	—	—	21 <sup>1/2</sup>	—
José Antunes Fernandes....	» -2.º »	—	21 <sup>1/2</sup>	—	—	—	—
Rodrigo de Castro .....	Desenho orname.	—	20	—	—	—	—
» » » .....	» linear..	—	—	—	—	20	—
» » » .....	» modelag.	—	—	20	—	—	—
Joaquim Filipe da Silva. ....	Caligrafia .....	—	20 <sup>1/2</sup>	—	—	20 <sup>1/2</sup>	—
Manoel de Sousa B. M. da Costa	Dactilografia...	20	—	—	20	—	20
Manoel Joaquim da Costa ...	Taquigrafia....	—	—	—	—	—	20
Saldanha Carreira.....	Esperanto .....	22 <sup>1/5</sup>	—	—	22 <sup>1/5</sup>	—	—

## MATRICULAS

Até 31 Dezembro matricularam-se nos varios cursos permanentes da Universidade Livre muitas pessoas, d'ambos os sexos assim divididas:

Portuguez.....	82
Francez 1.º ano.....	148
» 2.º » .....	56
Inglez 1.º » .....	85
» 2.º » .....	22
Esperanto .....	11
Desenho Ornato e linear .....	46
Modelagem .....	14
Aritmetica .....	64
Calculo Comercial .....	20
Escrepturação Comercial 1.º ano..	64
» » 2.º » ..	10
Taquigrafia .....	32
Caligrafia .....	57
Dactilografia.....	70
Total...	781

## Balancête do mês de Novembro de 1916

## DEVE (Receita)

Saldo do mês de Outubro.....		85\$00,5
<b>Subscritores:</b>		
Cobrança deste mês .....	95\$07	
<b>Efectivos:</b>		
Idem.....	8\$90	103\$97
<b>Subsidios:</b>		
Camara Municipal — Outubro ...	20\$00	
Da Assistencia — Outubro.....	15\$00	
Ministerio instrução — este mês..	16\$66	51\$66
<b>Publicações</b>		
Lições de Francês e Inglês .....	8\$70	
Cadernos de Apontamentos.....	3\$27	11\$97
<b>Matriculas</b>		
Deste mês .....		37\$50
<b>Cartões de identidade:</b>		
Vendidos neste mês.....		5\$40
<b>Donativos</b>		
Recebido — Setembro o Outubro.....		2\$10
<b>Gastos gerais:</b>		
Recebido de José Fernandes .....	1\$50	214\$10
		<u>299\$10,5</u>

## HAVER (Despêza)

<b>Rendas adiantadas:</b>		
Pela de Dezembro .....		35\$00
<b>Propaganda:</b>		
C/Eduardo Rosa .....		27\$50
<b>Percentagens:</b>		
Ao cobrador Evaristo .....	5\$31,5	
»   »   Silva .....	5\$02	10\$33,5
<b>Gastos gerais:</b>		
Pelas deste mês.....	58\$58	131\$41,5
Saldo para Novembro ....		167\$69
		<u>299\$10,5</u>

## Balancête do mês de Dezembro de 1916

## DEVE (Receita)

Saldo do mês de Novembro .....		167\$69
<b>Subscritores:</b>		
Cobrança deste mês .....	103\$11	
<b>Efectivos:</b>		
Idem .....	<u>7\$80</u>	110\$91
<b>Subsidios:</b>		
Camara Municipal — Novembro.	20\$00	
Assistencia Publica—Novembro.	15\$00	
Ministerio da Instrução — Dez.º.	<u>16\$66</u>	51\$66
<b>Publicações:</b>		
Lições de Francês.....	2\$76	
» » Inglês .....	\$68	
Cadernos de apontamentos.....	<u>\$69</u>	4\$13
<b>Matriculas:</b>		
Pelas deste mês.....		10\$70
<b>Cartões de identidade:</b>		
Vendidos neste mês .....		2\$40
<b>Gastos gerais:</b>		
Recebido de José Fernandes.....	<u>1\$50</u>	<u>181\$30</u>
		<u>348\$99</u>

## HAVER (Despeza)

<b>Rendas adiantadas:</b>		
Pela de Janeiro .....		35\$00
<b>Propaganda:</b>		
C/ Lamas & Franklin .....		2\$00
<b>Publicações:</b>		
C/ João Cezar.....		2\$29
<b>Percentagens:</b>		
Ao cobrador Evaristo .....	5\$47	
» » Silva.....	<u>5\$62</u>	11\$09
<b>Despesas gerais:</b>		
Deste mês .....	<u>69\$11</u>	<u>119\$49</u>
Saldo para Janeiro.....		<u>229\$50</u>
		<u>348\$99</u>